



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revista **fsa**

www4.unifsanet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 23, n. 8, art. 4, p. 72-86, ago. 2026

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2026.23.8.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Mediações Digitais da Ciência: Plataformização e Comunicação Pública na Extensão Universitária

Digital Mediations of Science: Platformization and Public Communication in University Extension

Erick Wendler Silva Justino

Aluno de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba

email: erick.justino@aluno.uepb.edu.br

Adriana Alves Rodrigues

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba

email: adrianaalves@servidor.uepb.edu.br

Endereço: Erick Wendler Silva Justino
Universidade Estadual da Paraíba. R. Baraúnas, 351 -
Universitário, Campina Grande - PB, 58429-500. Brasil.

Endereço: Adriana Alves Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba. R. Baraúnas, 351 -
Universitário, Campina Grande - PB, 58429-500. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 13/07/2026. Última versão
recebida em 03/08/2026. Aprovado em 04/08/2026.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

A investigação analisa as estratégias de Comunicação Pública da Ciência em onze projetos de extensão da UEPB vinculados ao ProextPG nos ecossistemas digitais, por meio de abordagem quali-quantitativa. Os resultados revelam presença digital consolidada com hegemonia do *Instagram*, mas marcada por concentração em uma única plataforma e irregularidade nas publicações, predominando lógicas transmissíveis em detrimento do diálogo simétrico. Conclui-se que a mera presença digital é insuficiente, sendo necessário desenvolver estratégias comunicacionais mais dialógicas, contextualizadas e socialmente engajadas, alinhadas aos princípios contemporâneos da comunicação pública da ciência.

Palavras-Chave: Comunicação Pública da Ciência. Extensão Universitária. Mídias Sociais. Métodos Digitais. Divulgação Científica.

ABSTRACT

This study analyzes Public Science Communication strategies across eleven UEPB extension projects linked to ProextPG within digital ecosystems, employing a qualitative-quantitative approach. The results reveal a consolidated digital presence—dominated by Instagram—yet characterized by a concentration on a single platform and inconsistent posting schedules, with a predominance of one-way transmission models over symmetrical dialogue. The study concludes that mere digital presence is insufficient; instead, there is a need to develop communication strategies that are more dialogic, contextualized, and socially engaged, aligning with contemporary principles of public science communication.

Keywords: Public Science Communication. University Extension. Social Media. Digital Methods. Science Dissemination.

1 INTRODUÇÃO

A ciência contemporânea é profundamente marcada pelo desenvolvimento e pela integração das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que promovem novas modalidades e metodologias de investigação científica. Esse quadro, caracterizado pela produção de dados em larga quantidade (*big data*), demonstra a necessidade de desenvolver abordagens criativas que alinhem os processos de construção do conhecimento. A Comunicação Pública da Ciência (CPC) se configura como um campo estratégico para promover o acesso, a compreensão e a participação social no processo científico (BUCCHI; TRENCH, 2017), ultrapassando a mera transmissão de conteúdos, e estabelecer um diálogo plural, crítico e socialmente situado (MASSARANI *et al.*, 2022), que viabilize a democratização do conhecimento científico.

Nesse cenário, a chamada "plataformização" da sociedade (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018) reconfigura profundamente as relações entre ciência e público, na medida em que redes sociais digitais, como *Instagram*, *Facebook*, *YouTube* e *TikTok*, deixam de ser meros canais de divulgação para se tornarem verdadeiros mediadores algorítmicos da comunicação científica. Essas plataformas impõem lógicas próprias de visibilidade, engajamento e circulação de conteúdo, que nem sempre são compatíveis com os princípios de rigor, complexidade e contextualização inerentes ao discurso científico. Assim, a inserção da ciência nesses ambientes digitais não é neutra, pois é atravessada por métricas, algoritmos e formatos que podem tanto potencializar o alcance e a democratização do conhecimento quanto reforçar práticas comunicacionais unidirecionais, centradas na transmissão de informações e pouco abertas ao diálogo simétrico com os públicos.

Esse duplo movimento, de expansão das possibilidades de acesso e, simultaneamente, de riscos de superficialização e concentração em lógicas transmissíveis, torna-se especialmente relevante quando observado no contexto da extensão universitária, espaço historicamente vocacionado à interlocução entre universidade e sociedade. No caso das instituições públicas brasileiras, os projetos de extensão vinculados a programas de fomento, como o ProextPG da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),¹ constituem um campo empírico privilegiado para investigar como a CPC vem sendo apropriada nos ecossistemas

¹ O PROEXT/PG é um Programa de Extensão da Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba e representa uma política institucional que reafirma o comprometimento social da universidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Seu propósito central é fortalecer a presença da pós-graduação nas ações extensionistas, integrando o saber científico à realidade social e promovendo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares e comunitários.

digitais, seja explorando o potencial dialógico das redes sociais, seja reproduzindo ainda modelos de déficit, centrados na simples disseminação de conteúdos científicos.

Para enfrentar essa complexidade, o projeto ConectaCiência², desenvolvido no âmbito das atividades de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB), tem o objetivo de entender as dinâmicas do uso das mídias digitais em favorecimento da CPC, nos projetos de extensão vinculados ao Programa de Extensão da Pós-Graduação (ProextPG/UEPB)³. A investigação tem como intuito analisar o uso das plataformas digitais em ações extensionistas, utilizando os Métodos Digitais (ROGERS, 2019), que, ao invés de adaptar métodos analógicos ao ambiente *online*, os pesquisadores devem mobilizar as próprias lógicas e infraestruturas da cultura digital para rastrear as dinâmicas comunicacionais que emergem nas redes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 plataformização, big data e ciência aberta: tensões e articulações na comunicação científica contemporânea

A Comunicação Científica sofreu transformações estruturais advindas dos processos de digitalização que modificaram as relações entre instituições, pesquisadores e sociedade. Uma dessas transformações se deve ao fenômeno da plataformização, cujas estruturas fundamentadas em plataformas digitais reordenam e penetram em várias esferas da vida social, operando em suas lógicas próprias de funcionamento (VAN DIJCK, POELL; DE WAAL, 2018), reconfigurando as relações de poder na sociedade em que as *big techs* mantêm o controle dessas esferas. Esse processo se integra com as práticas atuais da comunicação científica, cujo imperativo é tornar o saber científico acessível e compreensível para além dos extramuros acadêmicos.

Van Dijck (2013) já sinalizava, em obra anterior, que as plataformas digitais não são infraestruturas neutras, mas sim dispositivos sociotécnicos que produzem sociabilidade ao mesmo tempo em que a mercantilizam, transformando dados de interação em ativos econômicos. Gillespie (2018), por sua vez, chama atenção para o caráter polissêmico do termo "plataforma", que ao mesmo tempo se apresenta como espaço aberto e neutro de expressão e

² Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito do Programa de Extensão da Pós-Graduação (ProextPg), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC- cota 2025-2026).

³ Disponível em: <https://extensao.uepb.edu.br/proextpg/> Acesso em: 8 set 2025

opera por meio de curadoria algorítmica, moderação de conteúdo e regras próprias de visibilidade, o que tensiona a promessa de horizontalidade discursiva muitas vezes atribuída às redes sociais. Nessa mesma direção, Srnicek (2017) descreve o chamado capitalismo de plataforma, no qual dados se tornam a principal matéria-prima de valorização econômica, e a lógica extrativista das plataformas passa a orientar também a produção e a circulação de conteúdos científicos, subordinando-os, em alguma medida, a métricas de engajamento e alcance que nem sempre coincidem com os critérios de relevância e rigor científico.

Essa reconfiguração é indissociável do fenômeno do *big data*, entendido não apenas como volume expressivo de dados, mas como um novo paradigma epistemológico e cultural. Boyd e Crawford (2012) argumentam que o big data deve ser compreendido a partir de três dimensões interdependentes: a capacidade tecnológica de coletar e processar grandes volumes de dados, a análise desses dados para identificar padrões e a mitologia que atribui a esses processos uma suposta objetividade e neutralidade, capaz de gerar conhecimento verdadeiro descolado de interpretação. Essa mitologia é particularmente relevante para a comunicação científica em ambientes digitais, na medida em que métricas de curtidas, compartilhamentos e alcance frequentemente são tomadas como indicadores de sucesso comunicacional, deslocando o debate de sua qualidade dialógica para sua performance quantitativa. Mayer-Schönberger e Cukier (2013) complementam essa discussão ao apontarem que a dataficação de práticas sociais, entre elas a comunicação científica, permite antever comportamentos e tendências, mas também impõe riscos de padronização e de vigilância, na medida em que instituições e pesquisadores passam a orientar suas estratégias comunicacionais a partir do que os algoritmos das plataformas privilegiam.

Nessa direção, esse fenômeno contemporâneo encontra ressonância no movimento da Ciência Aberta (*open science*), que oferece matrizes de transparência, colaboração e democratização no que se refere ao acesso, compartilhamento, produção e circulação do saber científico em redes digitais (MIEDEMA, 2022). Fecher e Friesike (2014) sistematizam esse movimento a partir de cinco escolas de pensamento (a democrática, a pragmática, a infraestrutural, a de mensuração e a pública), que evidenciam a multiplicidade de sentidos atribuídos à abertura científica, ora centrada no acesso irrestrito ao conhecimento, ora voltada para a eficiência colaborativa da produção científica, ora orientada para o engajamento direto da sociedade nos processos de pesquisa. Já Nielsen (2011) defende que a ciência aberta representa uma oportunidade histórica de ampliar a inteligência coletiva, ao possibilitar que dados, métodos e resultados de pesquisa circulem livremente e sejam apropriados por

públicos diversos, potencializando processos colaborativos de descoberta científica que extrapolam os limites tradicionais dos laboratórios e das revistas especializadas.

Trata-se, portanto, de uma transformação que não se restringe aos aspectos tecnológicos de funcionamento, mas a uma cultura científica voltada para a democratização do conhecimento científico, em que a ciência deve ser colaborativa, compartilhada sem barreiras e direcionada pelo interesse público, subvertendo as lógicas do mercado. É justamente na articulação entre plataformização, big data e ciência aberta que se situa o desafio contemporâneo da Comunicação Pública da Ciência: explorar o potencial democratizante das redes digitais sem, contudo, se render de forma acrítica às lógicas de visibilidade, mensuração e extração de valor que estruturam o funcionamento das plataformas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, com base nos estudos de métodos mistos de Creswell (2014), apoiando-se nos Métodos Digitais propostos por Rogers (2019). A opção por essa abordagem se justifica pela própria natureza do objeto investigado, uma vez que a análise da presença digital de projetos de extensão universitária exige, simultaneamente, o tratamento sistemático de dados quantificáveis (número de plataformas, frequência de publicações, alcance) e a interpretação qualitativa das lógicas comunicacionais subjacentes a essas manifestações, sejam elas transmissivas ou dialógicas. Creswell (2014) argumenta que os métodos mistos permitem uma compreensão mais robusta do problema de pesquisa do que a aplicação isolada de abordagens quantitativas ou qualitativas, na medida em que possibilita a triangulação de dados e a validação cruzada de achados. Já os Métodos Digitais, na perspectiva de Rogers (2019), propõem que o pesquisador utilize as próprias plataformas digitais e seus dispositivos nativos (curtidas, compartilhamentos, hashtags, métricas de engajamento) como fonte primária de dados, reposicionando o ambiente online não apenas como objeto de estudo, mas como instrumento metodológico de coleta e análise.

Para o gerenciamento, a organização e a tabulação dos dados, foi utilizada a plataforma *Jotform*, ferramenta que possibilitou a estruturação de formulários específicos para o registro sistemático das informações referentes a cada um dos projetos de extensão investigados, além de auxiliar no acompanhamento longitudinal dos dados coletados ao longo do período de pesquisa. Essa ferramenta permitiu a padronização da coleta, reduzindo inconsistências e facilitando a posterior análise comparativa entre os projetos. Complementarmente, empregou-se o *Mobilis*, aplicativo que possibilitou a conversão dos dados brutos em valores percentuais, favorecendo a leitura proporcional das categorias

analisadas e a comparabilidade entre os diferentes projetos investigados. Já a construção dos recursos gráficos que sintetizam e visualizam os resultados foi realizada por meio da plataforma *Vennngage*, que permitiu a elaboração de representações visuais claras e esteticamente organizadas dos dados quantitativos, contribuindo para a comunicabilidade dos achados da pesquisa.

Como perspectiva analítica, empregou-se a análise descritiva conforme Gil (2008), que se caracteriza pela descrição sistemática das características de uma determinada população ou fenômeno, sem a preocupação imediata de explicar as relações de causalidade entre as variáveis observadas, mas priorizando o mapeamento rigoroso e organizado de suas propriedades. Essa escolha metodológica se mostrou adequada aos objetivos da pesquisa, uma vez que possibilitou identificar e sistematizar, de forma organizada, o panorama da presença digital dos projetos de extensão analisados, oferecendo uma base empírica consistente para reflexões posteriores de natureza mais interpretativa.

O corpus empírico da pesquisa é composto por 11 (onze) Projetos de Extensão vinculados ao ProextPG, analisados a partir de três categorias analíticas centrais, construídas em consonância com os objetivos da investigação: 1) Presença no digital, categoria que buscou verificar a existência ou não de perfis institucionais dos projetos em plataformas digitais; 2) Plataformas utilizadas, categoria voltada à identificação de quais redes sociais e ambientes digitais são efetivamente empregados pelos projetos em suas estratégias comunicacionais; e 3) Nível de Atividade, categoria que permitiu avaliar a regularidade, a frequência e a consistência das publicações realizadas nesses espaços digitais ao longo do tempo. A definição dessas categorias possibilitou uma abordagem analítica multidimensional, capaz de captar não apenas a presença formal dos projetos nos ecossistemas digitais, mas também a qualidade e a consistência dessa presença.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro e março de 2026, período no qual foram aplicados sistematicamente os procedimentos metodológicos descritos, garantindo um recorte temporal delimitado e homogêneo para a análise comparativa entre os projetos investigados. Esse intervalo permitiu observar, ainda que de forma delimitada, a regularidade das publicações dos projetos analisados, fornecendo subsídios empíricos consistentes para as discussões apresentadas nas seções seguintes deste artigo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

O mapeamento dos 11 projetos resultou em atividades extensionistas em áreas temáticas diversas, incluindo Saúde (8), Meio Ambiente (3) e Popularização da Ciência e Divulgação Científica (3), refletindo a multidisciplinaridade característica da extensão universitária. Essa distribuição temática merece atenção especial, uma vez que a predominância de projetos vinculados à área da Saúde sinaliza uma tendência já apontada pela literatura sobre comunicação pública da ciência no Brasil, que identifica nesse campo um dos setores mais ativos na produção de conteúdos voltados à sociedade, dada sua proximidade com demandas cotidianas da população e seu potencial de aplicabilidade direta na vida das pessoas (MASSARANI *et al.*, 2022). A presença significativa de projetos ligados ao Meio Ambiente e à Popularização da Ciência, por sua vez, reforça o caráter plural da extensão universitária na UEPB, evidenciando que a comunicação científica institucional não se restringe a um único campo do saber, mas se espalha por diferentes áreas do conhecimento, ainda que de forma desigual.

Essa multidisciplinaridade temática, entretanto, não se traduz automaticamente em diversidade nas estratégias de comunicação digital adotadas pelos projetos, como revela a análise da categoria 1 (Tabela 1). Os resultados evidenciaram um cenário heterogêneo quanto à utilização de redes sociais como espaços de comunicação pública da ciência, o que sugere que, embora exista uma diversidade temática entre os projetos, a apropriação dos ecossistemas digitais como ferramenta de comunicação ainda ocorre de maneira desigual e pouco padronizada entre eles.

Tabela 1 - Cartografia da Presença nas redes sociais

Situação	Números de Projetos	%
Com perfil ativo em redes sociais	8	47,1 %
Com perfil inativo ou desatualizado	6	35,3 %
Não tem perfis em redes sociais	3	17,6 %
TOTAL	17	100%

Fonte: Os autores

Na categoria 2, Plataformas utilizadas, entre as iniciativas com presença digital ativa, identificou-se a utilização de diferentes plataformas, com clara predominância do *instagram*, conforme tabela 2.

Tabela 2 - Plataformas utilizadas pelos Projetos extensionistas

Plataforma	Quantidade	%
 Instagram	8	61,5%
 YouTube	1	7,7%
 Site	4	30,8%
 Facebook	0	0%
 TikTok	0	0%
TOTAL	13	100%

Fonte: os autores

A análise das plataformas utilizadas revela uma forte concentração no *instagram*, com 8 registros (61,5%), configurando-se como o principal espaço de presença digital dos projetos analisados, possivelmente devido ao seu potencial de alcance, engajamento e circulação de conteúdos visuais. Em seguida, aparece o site institucional, com 4 registros (30,8%), indicando a manutenção de canais mais estáveis e estruturados de divulgação. De modo geral, os resultados apontam para uma presença digital pouco diversificada, concentrada principalmente no *instagram*, com exploração reduzida de outras plataformas que poderiam ampliar formatos comunicacionais e alcance de públicos.

Esse dado corrobora um movimento já observado em outras pesquisas sobre comunicação científica em ambientes digitais, no qual o Instagram se consolida como plataforma preferencial de instituições, pesquisadores e projetos de extensão brasileiros, sobretudo em função de sua interface centrada na linguagem visual, de seu algoritmo voltado à maximização do engajamento por meio de imagens, vídeos curtos e recursos como Stories e Reels, e de sua ampla penetração entre públicos jovens e adultos no país. Contudo, essa concentração precisa ser problematizada à luz do referencial teórico discutido anteriormente. Van Dijck, Poell e De Waal (2018) alertam que a adesão institucional a uma única plataforma

implica, inevitavelmente, a subordinação das estratégias comunicacionais à lógica algorítmica e às regras de visibilidade impostas por essa plataforma específica, o que reduz a autonomia dos projetos sobre seus próprios processos de circulação de conteúdo e os torna reféns de mudanças unilaterais nas políticas e nos algoritmos da empresa proprietária.

Essa hegemonia de uma única rede social também dialoga diretamente com a crítica de Srnicek (2017) ao capitalismo de plataforma, na medida em que a escolha, ainda que não deliberada, por concentrar a comunicação científica no Instagram reforça a posição de intermediação e controle exercida pelas big techs sobre o fluxo de informação científica direcionada à sociedade. Nesse cenário, os projetos de extensão universitária, ao dependerem quase exclusivamente de uma plataforma comercial para se comunicarem com seus públicos, ficam sujeitos às métricas de engajamento e às lógicas de recomendação de conteúdo definidas por interesses que nem sempre coincidem com os princípios de democratização e acesso ao conhecimento científico que orientam a extensão universitária.

Por outro lado, a presença relativamente expressiva do site institucional, com 30,8% dos registros, sugere a permanência de um canal de comunicação mais tradicional, associado a uma lógica de maior estabilidade, controle editorial e credibilidade informacional, características historicamente atribuídas aos ambientes web institucionais em contraposição à volatilidade das redes sociais (GILLESPIE, 2018). Essa coexistência entre um canal mais tradicional e uma plataforma de rede social hegemônica pode indicar uma estratégia comunicacional ainda em transição, na qual os projetos buscam conciliar a necessidade de visibilidade e alcance junto a públicos amplos, viabilizada principalmente pelo Instagram, com a manutenção de espaços mais formais e duradouros de divulgação científica, representados pelos sites institucionais.

A baixa exploração de outras plataformas digitais, como *YouTube*, *Facebook*, *TikTok* ou *Twitter/X*, por sua vez, chama atenção para um potencial subaproveitado em termos de diversificação de formatos e de públicos. Rogers (2019), ao discutir os Métodos Digitais, ressalta que cada plataforma possui uma cultura própria de uso, um público específico e uma linguagem particular, o que significa que a ausência de exploração de outros ambientes digitais pode representar não apenas uma limitação quantitativa de canais, mas também uma restrição qualitativa nos formatos comunicacionais empregados, como vídeos mais longos e aprofundados, podcasts, lives ou conteúdos textuais mais extensos, que poderiam favorecer abordagens dialógicas e aprofundadas do conhecimento científico, para além da linguagem sintética e altamente visual característica do *Instagram*. Assim, os resultados da categoria Plataformas Utilizadas reforçam um dos argumentos centrais deste artigo: a concentração em

uma única rede social, ainda que compreensível do ponto de vista estratégico e operacional, tende a limitar o repertório comunicacional dos projetos de extensão, aproximando-os de uma lógica predominantemente transmissiva e pouco diversificada, o que será discutido de forma mais aprofundada na análise da categoria seguinte, referente ao Nível de Atividade desses projetos nos ecossistemas digitais. Os resultados da categoria 3 (Tabela 3) demonstram a frequência das publicações.

Tabela 3 - Plataformas utilizadas pelos Projetos extensionistas

Nível de Atividade	Quantidade	%
Alto (Semanal)	4	50%
Médio (Quinzenal)	2	25%
Baixo (Mensal)	1	12,5%
Baixíssimo (trimestral)	1	12,5%
TOTAL	8	100%

Fonte: os autores

Os dados sugerem que, embora parte dos projetos mantenha atualização frequente, ainda existem diferenças na regularidade da comunicação digital entre os perfis analisados. Observa-se que metade dos projetos investigados (50%) apresenta nível de atividade classificado como Alto, com publicações de periodicidade semanal, o que indica um esforço consistente de manutenção da presença digital e sugere um razoável grau de institucionalização da comunicação científica entre essas iniciativas. Esse dado é relevante na medida em que a regularidade de publicação constitui um dos fatores frequentemente associados ao fortalecimento do vínculo entre instituições científicas e seus públicos, uma vez que perfis atualizados com frequência tendem a ser favorecidos pelos próprios algoritmos das plataformas em termos de alcance e visibilidade, além de sinalizarem maior comprometimento institucional com a comunicação pública da ciência (Gillespie, 2018).

Por outro lado, quando somados os projetos classificados nos níveis Médio, Baixo e Baixíssimo de atividade, chega-se a um percentual de 50% do total analisado, o que evidencia uma significativa parcela de iniciativas marcadas pela irregularidade comunicacional. Chama atenção, em especial, o fato de 12,5% dos projetos apresentarem periodicidade trimestral de

publicação, intervalo que compromete substancialmente a continuidade do diálogo com os públicos e a manutenção de vínculos duradouros com as audiências digitais. Rogers (2019) destaca que a lógica de funcionamento das plataformas digitais pressupõe fluxos contínuos e renovados de conteúdo, de modo que a descontinuidade das publicações tende a reduzir drasticamente o alcance orgânico dos perfis, dificultando ainda mais a consolidação de uma comunicação científica efetiva nesses espaços.

Essa disparidade entre os níveis de atividade identificados reforça um dos argumentos centrais já apontados nas seções anteriores deste artigo: a mera presença digital, por si só, não é suficiente para garantir uma comunicação pública da ciência efetiva e dialógica (Bucchi; Trench, 2017). É necessário, para além da existência de perfis institucionais e da escolha de plataformas adequadas, um compromisso contínuo com a produção e a circulação regular de conteúdos, sob pena de a presença digital se tornar meramente simbólica, incapaz de sustentar processos comunicacionais consistentes ao longo do tempo. Esse cenário de heterogeneidade na frequência de publicações também pode ser interpretado à luz das condições estruturais e operacionais dos próprios projetos de extensão, uma vez que a gestão de redes sociais frequentemente depende do envolvimento voluntário de estudantes e coordenadores, sem que haja, necessariamente, uma equipe dedicada exclusivamente à comunicação digital, o que ajuda a explicar as oscilações identificadas entre os níveis Alto e Baixíssimo de atividade. Em síntese, a análise conjunta das três categorias (Presença Digital, Plataformas Utilizadas e Nível de Atividade) permite afirmar que os projetos de extensão da UEPB vinculados ao ProextPG já reconhecem, em alguma medida, a importância dos ecossistemas digitais como espaço estratégico de comunicação pública da ciência, mas ainda enfrentam desafios relacionados à concentração em uma única plataforma, à irregularidade das publicações e, possivelmente, à predominância de lógicas transmissivas em detrimento de estratégias dialógicas mais robustas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento exploratório apresentado, como primeira fase do projeto ConectaCiência, permitiu traçar um panorama inicial das estratégias de comunicação pública da ciência adotadas por projetos de extensão da UEPB nos ecossistemas digitais. Os resultados indicam um cenário de transição e heterogeneidade. Se, por um lado, a quase totalidade dos projetos investigados (10 de 11) busca estabelecer uma presença no digital, demonstrando a internalização da importância desses espaços para a extensão universitária,

por outro, a forma como essa presença se materializa revela desafios significativos para a efetivação de um diálogo simétrico e socialmente situado, conforme preconizado por Brossard e Lewenstein (2010) e Massarani *et al.* (2022).

Tal constatação sugere que a incorporação das tecnologias digitais pelos projetos analisados ocorreu, predominantemente, sob a forma de uma adesão instrumental às plataformas, sem que essa adesão tenha sido necessariamente acompanhada de uma reflexão mais aprofundada sobre os modelos comunicacionais adotados, o que reforça a permanência de práticas ancoradas em lógicas de transmissão unidirecional de informação, em detrimento de abordagens verdadeiramente participativas e coconstruídas com os públicos.

Conclui-se, parcialmente, que a presença digital dos projetos analisados, embora consolidada em termos de adoção de plataformas, requer aprimoramento no sentido de superar lógicas meramente transmissivas, demandando o desenvolvimento de estratégias comunicacionais mais alinhadas ao diálogo simétrico e à contextualização social que fundamentam a CPC contemporânea. Apesar do cenário heterogêneo identificado, com predominância de iniciativas na área da saúde (45,45%) e diferentes níveis de atividade e usos de plataformas, observa-se baixo aproveitamento das potencialidades interativas das redes sociais.

Esse descompasso, como discutido ao longo deste artigo, não decorre exclusivamente de escolhas deliberadas por parte dos extensionistas, mas encontra-se também condicionado por fatores estruturais, como a ausência de equipes dedicadas à gestão da comunicação digital, a limitação de recursos humanos e temporais disponíveis para essa finalidade e a própria lógica algorítmica das plataformas, que tende a privilegiar conteúdos de rápida circulação em detrimento de formatos mais aprofundados e dialógicos.

Nesse sentido, torna-se imprescindível que as instituições de ensino superior, especialmente por meio de seus programas de extensão, invistam na formação continuada de pesquisadores e extensionistas para o uso estratégico das tecnologias digitais, de modo a qualificar não apenas a presença, mas sobretudo a qualidade comunicacional dessas iniciativas. Tal investimento demanda, ainda, a articulação entre as diferentes unidades acadêmicas e os núcleos de comunicação institucional, com vistas à construção de diretrizes mais consistentes e orientadas por princípios dialógicos para a atuação dos projetos de extensão nos ambientes digitais.

Ao cartografar esse cenário, este estudo oferece subsídios empíricos e teóricos relevantes para que a universidade e seus extensionistas possam refletir criticamente sobre suas práticas comunicacionais, fomentando o desenvolvimento de estratégias mais plurais,

participativas e alinhadas à democratização do conhecimento científico na era da conectividade. Cabe ressaltar, contudo, que os resultados aqui apresentados correspondem a uma fase exploratória do projeto ConectaCiência, de modo que estudos futuros, de caráter longitudinal e com aprofundamento qualitativo das interações estabelecidas nos perfis analisados, mostram-se necessários para a compreensão mais ampla e matizada das dinâmicas comunicacionais que envolvem a ciência plataformizada no contexto da extensão universitária brasileira.

REFERÊNCIAS

- BOYD, D; CRAWFORD, K. Critical questions for big data: provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 662-679, 2012.
- BROSSARD, D.; LEWENSTEIN, B. V. A critical appraisal of models of public understanding of science: using practice to inform theory. In: KAHNOR, L.; STOUT, P. (ed.). **Communicating science: new agendas in communication**. New York: Routledge, 2010.
- BUCCHI, M; TRENCH, B. Science communication and science in society: a conceptual review in ten keywords. **Tecnoscienza: Italian Journal of Science & Technology Studies**, v. 7, n. 2, p. 151-168, 2016. Disponível em: <https://is.gd/tecnoscienza>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- CRESWELL, J. W. **Investigação de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- FECHER, B; FRIESIKE, S. Open science: one term, five schools of thought. In: BARTLING, Sönke; FRIESIKE, Sascha (org.). **Opening science: the evolving guide on how the internet is changing research, collaboration and scholarly publishing**. Cham: Springer, 2014. p. 17-47.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILLESPIE, T. **Custodians of the internet: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media**. New Haven: Yale University Press, 2018.
- LEWENSTEIN, B. V. Models of public communication of science and technology. **Public Understanding of Science**, v. 16, n. 1, p. 1-12, 2003.
- MASSARANI, L. *et al.* (org.). **Comunicação pública da ciência: diálogos e desafios**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Fiocruz, 2022.
- MAYER-SCHÖNBERGER, V; CUKIER, K. **Big data: a revolution that will transform how we live, work, and think**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.
- MIEDEMA, F. **Open science: the very idea**. 1. ed. Dordrecht: Springer, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/7rWC>. Acesso em: 12 maio 2026.

MIROWSKI, P. The future(s) of open science. **Social Studies of Science**, v. 48, n. 2, p. 171-203, 2018.

NIELSEN, M. **Reinventing discovery**: the new era of networked science. Princeton: Princeton University Press, 2011.

ROGERS, R. **The end of the virtual**: digital methods. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2019.

SRNICEK, N. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society**: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

E. W. S. JUSTINO, A. A. RODRIGUES. Mediações Digitais da Ciência: Plataformização e Comunicação Pública na Extensão Universitária. **Rev. FSA**, Teresina, v. 23, n. 8, art. 4, p. 72-86, ago. 2026.

Contribuição dos Autores	E. W. S. Justino	A. A. Rodrigues
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X